

*O contexto histórico de Portugal traduzido na épica camoniana
Os Lusíadas.*

RODRIGO FRANCO DA COSTA*

Resumo: Luis de Camões busca exaltar os feitos históricos lusitanos e tenta mostrar o que são e o que fizeram esses portugueses. Para isso, o poeta faz usos do gênero épico clássico baseado nos padrões do Humanismo e do Classicismo em Portugal. A partir do poema o autor de *Os Lusíadas* sistematiza a cultura e as características de Portugal através de consagrados episódios históricos de seu povo, como por exemplo as Batalhas de Ourique e Aljubarrota. Este artigo tem o objetivo de discutir esse gênero épico n'Os *Lusíadas* e expor uma preocupação do poeta em definir certas características de uma identidade cultural portuguesa.

Palavras-chave: Luis de Camões, *Os Lusíadas*, Epopeia, Classicismo, Batalhas.

Luis de Camões e o Século XVI:

Para a escrita do consagrado *Lusíadas* houve algumas características peculiares na arte e na escrita dos intelectuais portugueses do período. Muitos valores e padrões renascentistas estiveram presentes nas mais diversas formas. Existe toda uma tradição historiográfica que acredita em um forte intercâmbio cultural entre os intelectuais portugueses e pensadores de outras partes da Europa. A tradição das cidades autônomas italianas como Florença, por exemplo, vai entrar em grande contato com a tradição intelectual portuguesa. Dessa forma o Humanismo, nova forma de pensar e agir dos intelectuais do Renascimento¹, sejam eles portugueses ou florentinos foram

* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada orientado pela prof. Dr. Gracilda Alves (PPGHC) e co-orientado pelo Prof. Dr. Carlos Ziller (PPGHIS).

¹ O significado do termo "Renascimento" foi assunto de uma interminável controvérsia entre historiadores, que durante anos discutiram sobre o valor, as características peculiares, os limites de tempo e a própria existência desse período histórico, limitar – me – ei a afirmar que por "Renascimento" entendo o período da história da Europa Ocidental que vai aproximadamente de 1300 a 1600, sem prejuízo com as características ou méritos desse período, ou do anterior e do sucessivo. KRISTELLER, Paul. *Tradição Clássica e pensamento do Renascimento*. Lisboa: Edições 70, 1995. p. 12.

característicos das produções artísticas e literárias. Paul Kristeller define o conceito de humanismo como:

O termo 'humanismo', esteve ligado a mais de cem anos, ao renascimento e aos estudos clássicos. Na linguagem actual, quase todo aquele que se relaciona com os valores humanos é chamado de humanista e, por consequência, uma grande variedade de pensadores, religiosos ou anti – religiosos, científicos ou anticientíficos, mostra pretensões por aquela que se tornou uma etiqueta de mérito um tanto quanto evasivo. O termo humanista, cunhado no clímax do período do renascimento, era, por seu turno, derivado de um termo muito mais antigo, ou seja, de *studia humanitatis* 'disciplinas humanistas'. Este termo foi usado, no sentido geral de instrução liberal ou literária, por antigos autores romanos como Cícero e Gélio, e semelhante uso foi retomado por doutos italianos do final do século XIV. Na primeira metade do século XV, os *studia humanitatis* começaram a constituir um ciclo bem definido de disciplinas douradas, a saber, gramática, história, retórica, poesia e filosofia moral, e o estudo de cada uma dessas matérias comportava regularmente a leitura e a interpretação dos antigos e, em menor medida, gregos, que de cada matéria tinham sido mestres.²

É importante ressaltar o longo processo de consolidação de uma tradição literária proveniente dessas localidades, que a partir desses maiores contatos, produziram obras literárias que, no caso de Portugal, definiram toda uma identidade cultural, como é o caso do Poema épico de Camões. Antônio José Saraiva apresenta a importância do contato entre intelectuais do humanismo de Portugal com outros lugares da Europa, destaca-se a entrada desses humanistas no território português: *“No século XVI continua a penetração dos humanistas, ao mesmo tempo que numerosos portugueses viajando na Itália, Flandres e outros países se relacionam com alguns luminares do humanismo europeu.”*³

Oliveira Marques debate a influência de uma série de pessoas oriundas de outros lugares, principalmente da península Itálica, em Portugal, ajudando na expansão e circulação dessas novas ideias :

O humanismo em Portugal começou mais tarde do que em Castela, mas mais cedo do que em muitos outros estados europeus. Em Lisboa residiam permanentemente numerosos mercadores genoveses, florentinos e outros italianos. Os laços religiosos e culturais faziam da Itália o país mais frequentemente visitado por

² Idem. pp. 15 – 17.

³ SARAIVA, Antonio José. História da Literatura Portuguesa. Lisboa: Publicações Europa – América. 1950. p. 30.

portugueses do que a própria Castela. Nesses termos, realizações do campo da cultura e novas correntes de pensamento originárias da Itália haviam de entrar depressa em Portugal.⁴

José Sebastião da Silva Dias expõe-nos que o conceito de Humanismo característico de Portugal não era apenas uma nova arte de escrita, mas uma ruptura com os valores aristotélicos medievais, o Humanismo para o autor era uma nova forma de observação e experimentação do mundo que cercava os portugueses.

O progresso das letras em Portugal é uma sequência ou precipitado do movimento geral do humanismo na Europa. Procede do contato da Lusa gente, aquém e além das fronteiras, com as personalidades mais representativas da cultura renovada. É natural, portanto, que tenha associado ao esplendor das formas o vigor das ideias, opondo-se, ao menos em certo sector de opinião, às tradições outonais da Idade Média. O Humanismo não foi apenas uma atitude literária. Foi também uma tentativa de reconsideração, ao mesmo tempo estética e filosófica, dos costumes e concepções do homem cristão.⁵

Outro modo de classificar esse período Português em que Camões escrevera é entendê-lo como Classicismo, que em tese detêm a mesma lógica do Humanismo. Esses movimentos são compreendidos como uma mudança de o homem se relacionar com a natureza e o universo em que o cercam, principalmente quando se fala na transição do Século XV para o Século XVI. José Mattoso nos expõe essa questão:

Na viagem do século XV para o XVI começam a manifestar-se na vida cultural portuguesa os incipientes sintomas de uma mudança que fez dela partícipe do movimento geral do Renascimento europeu. Duas ordens de fatores, na origem inteiramente independentes entre si, atuaram como catalisadores dessa mudança: o classicismo, de um lado; os descobrimentos marítimos do outro. O primeiro fenômeno basicamente de importação, respeita as letras, ao que então se designava *studia humanitatis*, ou ideal de uma formação literária adquirida mediante a leitura, o comentário e a imitação dos grandes Greco – latinos; os Segundos que não tem pré cedentes fora da península ibérica projectam – se no domínio mais vasto da relação do homem com a natureza e o cosmos. Ambos todavia confluem no sentido de um humanismo. Um humanismo global se considerar que apontam convergentemente para valores que tem no homem a sua centralidade; vários humanismos, com tônicas

⁴ MARQUES, A. H de Oliveira. História de Portugal. Lisboa: Palas Editores, 1976. pp. 270 – 271.

⁵ DIAS, José Sebastião da Silva. Portugal e a Cultura Européia (Sécs. XVI a XVIII). Coimbra: Coimbra Editora LTDA, MCMLIII. p. 3

diferentes se focar os diversos ângulos da incidência desses valores.⁶

Dentro desse contexto, a valorização e o interesse pela Antiguidade foram características marcantes nessa lógica de circulação de saberes humanísticos na Europa. Esse elemento também foi introduzido nos estudos humanos portugueses caracterizando a intelectualidade da época.

O interesse renovado pela antiguidade surgira em Portugal antes de meados do século XV. Foi enorme a influência em cavar novos cabouços culturais e em preparar essa plêiade de portugueses que florescia nos reinados de D. Manuel I e de Dom João III. No começo de quinhentos a prosperidade econômica e a moda cosmopolita levaram centenas de moços portugueses aos principais centros intelectuais da Europa. Na sua maioria regressavam ao país marcando profundamente a vida intelectual portuguesa.⁷

Sobre a ideia de Humanismo José Sebastião da Silva Dias entende este movimento como uma arte de pensar e o questionamento do saber ligado à Idade Média. O autor entende o Humanismo também como um movimento de laicização da sociedade, ao mesmo tempo que essa mentalidade abrangia também setores religiosos.

O humanismo era a latinidade e, em menor grau, a helenidade clássica, a emancipação das letras profanas, a recusa da escolástica, da arte de pensar, da metodologia e problematização do saber legados pela Idade Média; era, em uma palavra, a busca de uma cultura laica para uma sociedade em vias de laicização. Na sua vertente de humanismo cristão, estava também empenhado a fundo no repensamento da mensagem cristã.⁸

Um dos principais agentes desse intercâmbio de ideias, Sá de Miranda, intensificou essa união de novos saberes e ideias entre Portugal e as cidades italianas, gerando uma série inovações de âmbito literário e substituindo a medida velha dos antigos literatos portugueses. Antonio José Saraiva expõe a importância de Sá de Miranda para a literatura lusa:

Sá de Miranda introduz o verso hendecassílabo e com ele o terceto, o soneto, a oitava rima, a canção. A par das formas introduz os gêneros: a elegia, a écloga, a sátira, que eram ressurreições italianas dos gêneros Greco – romanos. O estilo tradicional é substituído por

⁶ MATTOSO, José. História de Portugal: No Alvorecer da Modernidade. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. p. 375.

⁷ MARQUES, A.H. de Oliveira. Op. Cit. pp. 271 – 272.

⁸ DIAS, José Sebastião da Silva. Camões no Portugal de Quinhentos. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência, 1981. p. 15.

outro em que abundam as alusões mitológicas e históricas, as palavras decalcadas do latim e até as construções latinas.⁹

Dentro desses movimentos intelectuais do final do século XV e início do século XVI entendidos como Humanismo e Classicismo, vemos um reflexo prático dessa mentalidade e ideais no período. Essa práxis é entendida como o advento do explorar do mundo pelo português. O movimento náutico lusitano possibilitou, por sua vez, a expansão da consciência não só portuguesa, mais europeia como um todo em relação a geografia, astronomia, flora, fauna e etc. José Sebastião da Silva Dias nos ajuda a dialogar sobre essa questão:

A actividade náutica desempenhou entre os portugueses, na época dos descobrimentos, o mesmo papel que a actividade industrial entro os Italianos no período seguinte. Foi ela que nos forçou à análise realista dos fenômenos da natureza, bem como a sua interpretação e domínio. Sem as exigências e sugestões, não teríamos talvez rectificado os conhecimentos astronômicos e naturais dos antigos, nem aperfeiçoado os instrumentos náuticos, nem desenvolvido as matemáticas, nem adquirido o hábito de observar e raciocinar à luz dos factos.¹⁰

José Mattoso também nos aborda sobre a questão desse movimento de expansão marítimo português, enfatizando os novos saberes adquiridos pelos nautas lusitanos e a desconstrução de lendas milenares para a cultura Ocidental.

Ficava, assim, pela praxe dos portugueses envolvidos na exploração dos continentes e mares, desmentida a inabitabilidade da zona tórrida, a incomunicabilidade dos oceanos, a inexistência dos antípodas – toda uma dogmática milenária. Ficava, em contrapartida, a capacidade do homem para dominar o mundo e devassar os mistérios da natureza. Tudo à custa do esforço humano, pois, quando D. Manuel mandou Vasco da Gama a ‘descobrir e saber mares e terras com que antigos punham tão grande medo e espanto com muito trabalho achou o contrário do que os antigos escritores disseram’¹¹

Oliveira Marques nos fala sobre a importância do navegador Português Vasco da Gama para as expansões marítimas. O navegador traçou importantes rotas comerciais, passou pelo cabo da Boa Esperança e estreitou os contatos de Portugal com os territórios alcançados pela náutica lusitana.

⁹ SARAIVA, Antônio José. História da Literatura Portuguesa. Op. Cit.. p. 31.

¹⁰ DIAS, José Sebastião da Silva. Portugal e a Cultura Européia (Séculos XVI à XVIII). Op. Cit. p. 14.

¹¹ MATTOSO, José. Op. Cit. p. 379.

Vasco da Gama partiu de Lisboa com três navios e um barco de mantimentos em julho de 1497. Fez escala na ilha de Santiago, em Cabo Verde, e daí navegou diretamente para o sul, no que viria a ser a mais longa viagem distante de terra até então empreendida. Passados noventa dias sem avistar terras aportou à baía de Santa Helena, na África do Sul de Hoje. Passou o cabo da Boa Esperança com certa dificuldade causada pelo tempo. Depois de ultrapassar o limite das navegações de Bartolomeu Dias a expedição iniciou suas descobertas próprias. A frota atingiu Mombaça, atual Quênia, depois Melinde. Depois de três meses de negociações com alternativas de amizade e hostilidade aberta, Vasco da Gama iniciou o caminho do regresso, trazendo os navios carregados de especiarias de preço.¹²

Vasco da Gama, foi um personagem histórico muito representativo para o período, visto que sua participação n' *Os Lusíadas* é maior que muitos outros personagens históricos portugueses, como reis e guerreiros. É o navegador que conta as histórias de Portugal, sendo o símbolo de toda a epopeia camoniana. Luis de Camões não poupa versos ao exaltá-lo:

“ Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas empresasse oferece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem a fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter não vê razão.” (I, 44, vv. 1 – 4.)¹³

Esse contexto das navegações de expansionismo territorial português vai corroborar para a formação de um ideal cruzadístico presente na mentalidade dos homens do Portugal de quinhentos. Isso vai estar presente nos discursos do Poema camoniano quando Luis de Camões nos escreve sobre “*Dilatar a Fé e o Império*”.

E também as memórias gloriosas
Daqueles reis, que foram dilatando
A Fé, o império; e as terras viciosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte. (I, 2)¹⁴

Luis de Camões e o gênero épico:

Luis de Camões escreve o poema épico d' *Os Lusíadas*, é de convenção que o poema seja caracterizado como uma epopeia. Seus leitores, estudiosos, analistas e interessados pela obra no geral acreditam que *Os Lusíadas* formem uma estrutura de enredamento narrativo que retome os

¹² MARQUES, A.H. de Oliveira. Op. Cit. pp. 314 – 315.

¹³ CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Porto: Livraria Lello & irmão, S/D. p. 17.

¹⁴ CAMÕES, Luis de. Op. Cit. p. 3.

padrões literários das epopeias gregas e latinas. Concordamos com a perspectiva de Antônio José Saraiva quando este afirma que:

Para nós uma epopeia clássica é vagamente uma coisa como os *Lusíadas*. E também para Camões assim era. Ele quis conscientemente fazer uma epopeia. Homero, Virgílio, Ariosto, estavam no seu pensamento ao começar os *Lusíadas*. Por um lado ele julgou – se atido a uma tradição própria do gênero e inventou um drama de personagens mitológicas a condicionar os acontecimentos do mundo sublunar, por outro lado, ele quis dar uma réplica às epopeias que o precederam e reivindica para a sua qualidade que o tornam superior aquelas: façanhas que narra não são fábulas sonhadas, fantásticas, fingidas, mentirosas, além de que, são mais extraordinárias que as da antiguidade; e o seu tema é o mais épico de todos, porque não é um homem, mas um povo.¹⁵

Antonio José Saraiva não inova na perspectiva de apontar as proximidades entre *Os Lusíadas* de Luis de Camões e o gênero épico antigo, como as obras de Homero e Virgílio. Porém para compreendermos melhor a obra camoniana devemos entender conceitualmente o significado de “epopeia”. Fidelino de Figueiredo ao tratar do gênero épico português define epopeia como:

Epopeia é a glosa poética de um mito, é portanto a coroação individual da obra colectiva pelo poder de expressão do poeta. Homero não versificou sucessos históricos recentes, seduzido pela exaltação heroica deles, condensou e ordenou em poemas todo o anterior trabalho colectivo, que de longínquos sucessos fizera mitos. O mito é a condição prévia da epopeia. O poeta épico não é o criador da matéria épica, não tem sequer o poder de colorir de tom épico a matéria comum ou já de si heroica; a matéria época é-lhe anterior e é de criação colectiva, está cristalizada na mente da colectividade, quando o poeta, com o seu gênio de expressão, a chama à perpétua presença.¹⁶

Ainda dialogando com Fidelino de Figueiredo, podemos entender a importância do gênero épico para os antigos. A epopeia era a forma como aqueles eram capazes de assimilar seu cotidiano, a epopeia tornava a vida cognoscível a partir da construção dos heróis de um povo. Para o autor, o gênero épico é a marca de uma determinada coletividade, sendo os próprios heróis modelos representados de suas respectivas civilizações. Podemos

¹⁵ SARAIVA, Antônio José. Para a história da cultura em Portugal. Lisboa: Livraria Bertrand, 1946. Vol. I. p. 84.

¹⁶ FIGUEIREDO, Fidelino de. História literária de Portugal. Coimbra: Nobel Editora, 1944. p. 161.

observar também a *Ilíada* e a *Odisséia* como grandes exemplos de epopeias, apesar da clara dificuldade de definição do gênero literário.

O problema mais antigo da ciência literária é este: definir o conceito de epopêa e reconstituir a sua gênese. Pode – se dizer que a filologia clássica, em suas origens, foi predominantemente homérica, porque os poemas homéricos eram os monumentos literários mais antigos a que se podia aplicar. Naturalmente essa filologia ou essa crítica homérica principiou em forma empírica e superficial: entender os textos e da impressão da leitura deles chegar a definir um conceito de epopêa: Os gregos formavam – se dentro daquele ambiente heroico pintado ou archivado pelos aedos, aprendia – se a ler, a raciocinar e a viver pelos textos homéricos ou segundo os exemplos dos heroes da *Ilíada* e da *Odyssea*. D'aqui haver uma didática homérica, uma sophistica homérica, uma ethica homérica e uma política homérica. Os velhos gregos faziam daquelles poemas o que os cristãos faziam da bíblia, os modernos hespanholes do quijote e os modernos ingleses do teatro de Shakespeare: código de receitas da vida.¹⁷

O autor atribui a teoria literária à Aristóteles. Foi ele quem primeiro foi capaz de definir uma epopeia a partir dos padrões deixados por Homero, nesse sentido, as considerações de Aristóteles sobre a Tragédia, principal objeto do filósofo Antigo, ajudam a consolidar a epopeia como gênero literário.

Aristóteles foi o verdadeiro fundador da theoria da literatura, embora uma theoria quase circunscrita do teatro trágico. Reagia contra o desdém de Platão pela poesia, pela comédia e pela tragédia. A poética de Aristóteles fez lei durante anos. É nessa Poética de Aristóteles que se encontra impresso o primeiro conceito de epopêa, naturalmente baseado nos poemas homéricos, mas por método negativo: mostrando em que não era tragédia o poema épico. Expondo a sua magistral teoria da tragédia, Aristóteles fez notar, que tudo ou quasi tudo que dizia daquela nobre forma de arte era aplicável ao nobre poema épico – “nobres” porque imitavam só altas personagens humanas e pelo seu lado melhor. Para definir a epopêa basta aplicar a theoria da tragédia e apontar – lhe as diferenças: empregar um só metro, ser pura narração, ser muito mais extensa, não ter coro e não empregar a decoração ou a scenographia.¹⁸

Teresa Amado também nos expõe a importância de Aristóteles para a epopeia como gênero literário com sua *Arte Poética*, a autora nos expõe a estrutura da epopeia apresentada pelo filósofo grego. Para ele a epopeia é estruturalmente menos limitada que a tragédia, contemplando ações compostas, versos numerosos e uma grande diversidade de personagens

¹⁷ FIGUEIREDO, Fidelino de. A épica portuguesa no século XVI. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987. p. 39.

¹⁸ Idem. p. 40.

Na Poética Aristóteles caracteriza a diferença entre epopeia e tragédia, dizendo que, ao contrário desta, aquela é narrativa, isto é, difere quanto ao modo de imitar as acções, uma vez que admite o discurso proferido em nome do próprio poeta ao lado do que as personagens proferem em seu nome próprio. Distingui-se ainda a epopeia pela sua extensão ilimitada, contrastando com os limites impostos à duração do espetáculo trágico. Destinada à simples recitação, a epopeia permitia ao poeta, desenrolar nos seus vários milhares de versos, sequências de acções compostas de múltiplas peripécias e participadas por vários personagens.¹⁹

Aristóteles em sua obra referida acima, entende o gênero épico a partir da comparação com o gênero trágico. O autor de *Arte Poética* coloca Homero como o primeiro modelo de autor épico na seguinte descrição:

A epopeia deve apresentar ainda as mesmas espécies que a tragédia: deve ser simples ou complexa, ou de caráter ou Patética. Os elementos essenciais são os mesmos, salvo o canto e a encenação; também são necessários os reconhecimentos, as peripécias e os acontecimentos patéticos. Deve, além disso, apresentar pensamentos e beleza de linguagem. Todos esses méritos Homero foi o primeiro que os teve a disposição e os empregou de maneira conveniente. Cada um dos dois poemas é composto de tal maneira que a *Ilíada* é simples e patética, e a *Odisséia* oferece uma obra complexa, e um estudo dos caracteres. A epopeia difere da tragédia pela sua constituição e emprego do metro. Quanto a extensão indicamos o limite exato: é preciso que o seu conjunto possa ser abarcado do princípio ao fim. A epopeia goza de uma vantagem peculiar no concernente a sua extensão: enquanto na tragédia não é possível imitar, no mesmo momento, as diversas partes simultâneas de uma ação, exceto a que está sendo representada em cena pelos atores, na epopeia, que se apresenta em forma de narrativa, é possível mostrar conjuntamente vários acontecimentos simultâneos, os quais, se estiverem bem conexos com o assunto tornam mais grandioso. Daí resultam várias vantagens como engrandecer a obra, permitir aos ouvintes a transportarem-se a diversos lugares.²⁰

Teresa Amado nos expõe a diferença entre História e poesia para os antigos gregos, expondo que enquanto a História está voltada para a investigação a literatura (e a poesia) volta-se para a imitação, apesar de ambas estarem no passado. Assim, essa imitação da vida, característica da poética épica vai ter como elemento central as “lendas heroicas”.

Tal como Homero era então o épico, Heródoto era o historiador. E Heródoto foi o primeiro a declarar que escrevia história, isto é, investigação das acções humanas e das razões que levaram a sua

¹⁹ AMADO, Teresa. Fernão Lopes contador de História: Sobre a Crónica D. João I. Lisboa: Editora Estampa, 1991. p. 11.

²⁰ ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2006. pp. 84 – 85.

execução. Teríamos assim, em contraste, dum lado a poesia (literatura) – imitação, do outro a História, investigação. Num caso e noutro, trata-se do passado, pois mesmo quando Aristóteles faz esse extraordinário esclarecimento de que o poeta imita “coisas quais eram ou quais são, quais os outros dizem que são ou quais parecem, ou quais deveriam ser”, a acção ou acções narradas não podem situar-se senão no passado, uma vez que são representações do discurso dum objecto prévio, que as suscita. Não há, portanto, qualquer assunto tratado na epopeia ou na tragédia que não lhe pertença, e a presença das lendas heroicas na origem duma e doutra é um prenúncio desse carácter constitutivo de ambas.²¹

Porém, a própria autora, após marcar as diferenças entre a história e a epopeia vai entender que o discurso histórico e o gênero épico vão confluir-se na prática, ou seja, por vezes os contos épicos vão ser vistos como fontes documentais de pesquisa histórica e a história atribuindo a imitação (a mimesis) como uma ferramenta de construção textual.

No entanto a convergência deu-se. O que a epopeia comportava de realidade e o que entrava para a história de fantástico aproximavam-nas inevitavelmente. Por exemplo, as primeiras crônicas peninsulares em língua romance incluíam em larga medida fragmentos épicos prosificados. Em épocas de escassez de registros escritos, a História, já na culta e racional Grécia e depois na nossa imaginativa Idade Média procurou defender-se, restringindo-se ao acontecimento próximo testemunhado por quem lá tivesse estado. Enquanto foi narrativa a história foi, também, “mimética” ou “representativa”, embora por vezes tenha logrado submeter essa tendência ao rigor da informação testemunhal ou documental.²²

A autora supracitada segue em muito a tradição de Aristóteles ao que concerne a natureza da poética, pois o filósofo grego entende que a poesia está diretamente ligada a questão da imitação, uma vez que caracteriza os poetas como imitadores, pontuando as formas de imitar um determinado episódio. *“Sendo o poeta um imitador, como o é o pintor ou qualquer outro criador de figuras, perante as coisas será induzido a assumir uma das três maneiras de as imitar: como elas eram ou são, como os outros dizem que são, ou como parecem, ou deveriam ser”.*²³

Ao discutirmos o gênero épico, podemos observar que Luis de Camões busca uma série de características desse gênero literário em poetas da antiguidade como em Homero, Virgílio e Ariosto. A obra *Os Lusíadas* vai

²¹ AMADO, Teresa. Op. Cit. p. 13.

²² Idem. p. 14.

²³ ARISTÓTELES. Op. Cit. p. 88.

assimilar esses modelos antigos e inovar em uma série de sentidos. Luis Piva entende que:

A epopeia camoniana não repousa, porém, na pura aceitação dos ensinamentos dos poetas antigos; repousa, antes, numa consciente ligação com os mesmos. Os poetas latinos haviam já interpretado diversamente muitos dos fatos da poesia homérica. Luis de Camões, a seu modo, inovará a epopeia enriquecendo-a com novos ingredientes. A caracterização do protagonista diverge sensivelmente do tratamento dado dos antigos ao herói.²⁴

Luis Piva afirma que Luis de Camões inovou sobre as epopeias antigas, sobretudo, quando se fala do protagonista, porque anteriormente, nas epopeias antigas, tanto gregas quanto latinas, o herói épico era um personagem singular, pautado em sua excepcionalidade quase divina. Já na épica lusitana os portugueses, principalmente os marcados historicamente é que vão desempenhar o papel heroico. N'Os *Lusíadas*, foi um povo na integra que atingiu o status de um herói épico, não apenas um personagem singular.

Dessa forma, dialogamos essa questão com Fidelino de Figueiredo, que entende Camões como um escritor que cria uma “epocha litteraria”, isso porque, *Os Lusíadas*, ao mesmo tempo que estariam retratando a história de uma coletividade lusitana epicamente construída, seriam também pautados por suas idiossincrasias históricas e culturais.

Camões é o momento supremamente creador dessa epocha litterária: assimila com pleno domínio a technica formal clássica ou restaurada pelos italianos, recolhe a matéria nacional já elaborada pela emoção colectiva e transmite – nos com seu gênio uma vibração nova do espírito humano. Faz um balanço, com seus laivos de necrologia, à epocha heroica da vida de sua gente.²⁵

As batalhas presentes na obra de Luis de Camões representam, em grande parte, a importância da tradição literária épica n'Os *Lusíadas*. Discutiremos *Os Lusíadas* e a importância das Batalhas de Ourique e Aljubarrota no universo épico camoniano.

Luis de Camões e Os Lusíadas:

²⁴ PIVA, Luis. Do antigo e do Moderno na Épica camoniana. Brasília: Clube de poesia e crítica, 1980. p. 13.

²⁵ FIGUEIREDO, Fidelino de. A Épica portuguesa no século XVI. Op. Cit. pp. 19 – 20.

O nome “Lusíadas” fora pronunciado pela primeira vez por André Resende ainda na primeira metade do século XVI ao querer criar uma literatura de cunho épico pautada nos “grandes descobrimentos” do reino de Portugal, firmando sobretudo, o heroísmo português. A inspiração para o nome da epopeia camoniana faz referência aos contos épicos da antiguidade, como afirma Rolando Monteiro:

O título Lusíadas é analógico do Eneadas, Ilíadas, Scipiadas, já o disseram Faria e Souza e Carolina Michaelis, e é evidente. Os cronistas da descoberta do Oriente - Castanheda e João de Barros – tinham apregoado a necessidade da criação de uma epopeia sobre os feitos dos grandes descobrimentos e conquistas dos navegantes portugueses. O nome para ela pela primeira vez fora enunciado, em 1534, por André de Resende na sua “Oratio pro Rostris”, recitada na Universidade de Lisboa: “Inter Lusiadas nisi amor revocasset amatae”. É bem possível que neste autor, seu amigo íntimo, tenha Luis de Camões buscado a designação para o poema, querendo com o nome de Lusíadas igualá-lo ao de Portugueses de heroicos feitos.²⁶

Segundo o autor supracitado, André Resende teria ainda sido o inventor dessa palavra em suas obras “Erasmi encomiun” e “Vincentus Levita e Martyr”:

Ficou entendido e assente que a expressão de que Camões se serviu como título de seu poema fora uma criação do humanista eminente, L. André Resende, o qual empregou pela primeira vez em 1531, na cidade de Lovaina, no seu poema “Erasmi encomiun”. Repetiu o emprego da mesma expressão, no mesmo ano e na mesma cidade universitária, quando escreve o poema “Vincentus Levita e Martyr”, tendo explicado em nota expressamente, o significado que deu a esta expressão. Desta forma, repetimos, ficou assente, como coisa indiscutível, que L. André Resende, fora o criador da expressão que, a seguir, Camões introduziu na literatura universal.²⁷

Quando falamos d’*Os Lusíadas* devemos levar em consideração, antes de tudo, a riqueza e a heterogeneidade do poema, havendo uma divisão de vários contos e histórias paralelas dentro da obra de Luis de Camões. Antônio José Saraiva aponta essa questão:

A primeira coisa que salta a vista quando se considera no seu conjunto a factura dos Lusíadas é a heterogeneidade dos elementos que os compõem. É uma obra formada por adição, entalhe, incrustação de materiais muito diferentes que naturalmente se

²⁶ MONTEIRO, Rolando. As edições de *Os Lusíadas*: Pesquisa e Análise. Rio de Janeiro: s/e, 1979. p. 15.

²⁷ Idem. pp. 16 – 17.

destinguem. Encontramos lá uma comédia dos deuses, que poderíamos isolar formando um poema a parte, que tem sua acção própria com enlace e desfecho, desenrolando – se paralelamente á acção humana. Encontramos uma narrativa à viagem de Vasco da Gama à Índia, com descrição de certos fenômenos marítimos e de certos casos típicos de bordo, lembrando de certa maneira os roteiros e a peregrinação de Mendes Pinto, e sem entrecho próprio. Encontramos depois uma história dos reis de Portugal, outra história dos heróis portugueses e uma outra história, em forma de profecia, dos feitos da Índia, tudo isso sem ligação orgânica da acção do poema. Em quarto lugar encontramos uma enciclopédia geográfica: a descrição do mundo conhecido (Europa, Ásia, África), por menores da flora e da fauna da Índia, e, abrangendo tudo, a visão em conjunto da “grande máquina do mundo”.²⁸

Cidade entende que o poema teria uma intenção de consolidar no tempo os feitos históricos portugueses, expondo assim a formação do reino de Portugal:

É o poema camoniano concebido e realizado no intuito de fixar para a posteridade as façanhas com que, edificando e sublimando um novo reino entre gente remota, também servimos o interesse humano, contribuindo para o progresso do mundo. Por isso a obra de arte que o poema é, a valoriza o expoente do ser, para além do encanto da sensibilidade estética, lição moral heroica, dada tanto a portugueses como a todos os outros cristãos.²⁹

Porém não se pode deixar escapar a intenção de Luis de Camões em marcar historicamente mais que o reino português, mas a identidade cultural e étnica lusitana ao expor juntamente com os episódios históricos do reino português as características do povo impressos nos versos de sua épica. Essa questão é comprovada quando Camões canta seus primeiros versos do Poema, identificando os portugueses como os “Barões Assinalados”

As armas, e os Barões assinalados,
 Que da ocidental praia lusitana,
 Por mares nunca de Antes navegados,
 Passaram inda além da Taprobana;
 E em perigos e guerras esforçados,
 Mais do que prometia a força humana,
 Entre gente remota edificaram
 Novo reino, que tanto sublimaram:

²⁸ SARAIVA, Antônio José. Para a História da Cultura em Portugal. Op. Cit. p. 95.

²⁹ CIDADE, Hernâni. A literatura portuguesa e a expansão ultramarina. Op. Cit. p. 327

E também as memórias gloriosas
 Daqueles Reis, que foram dilatando
 A fé, o Império e as Terras viciosas (l, 1 – 2, vv. 1 – 3)³⁰.

Hernâni Cidade dialoga intensamente com nosso objetivo em escolher *Os Lusíadas* de Camões como fonte central deste artigo. Ele entende os Castelhanos e Mouros como adversos aos portugueses em seu processo de consolidação no mundo, expondo a importância desses grupos adversos na formação da identidade portuguesa.

Assim, o poema camoniano, sendo o mais expressivo do momento português, é igualmente o que melhor representa aquela fase da evolução do homem. Luta o português pela formação da nação, conta o castelhano que lhe negava autonomia, contra o Mouro que lhe ocupava território, quer dizer, contra os obstáculos que a impediam de ser dos mais operantes agentes na civilização do mundo. Luta pelo cumprimento da missão que a situação geográfica lhe determinava, estabelecer no mundo a hegemonia da civilização mais progressiva³¹

Essas questões observadas por Cidade, como por exemplo, a luta dos portugueses contra os Mouros e castelhanos, foram inseridas n' *Os Lusíadas* como tentativa de salvar a identidade cultural do povo português na história, uma vez que a política portuguesa estava mais frágil e o ideal expansionista cada vez mais difícil de se manter vivo frente às dificuldades de sustentar seus territórios e a estabilidade política do período.

Camões não escreveu o seu poema no propósito de fascinar as imaginações com histórias deleitosas, como boiardo por exemplo. No momento em que a gloriosa grandeza da pátria declinava e ameaçava submergir-se, procura ele fixar para a imortalidade os clarões ainda não extintos, escarmentando para a continuação do esforço épico ou ao menos para a defesa da dignidade colectiva dos epígonos heróis. Assim a mensagem do artista se converte na missão do patriota.³²

Esse desejo de manutenção do território e valorização étnica e cultural do povo português pode ser visto na obra de Pedro Calmon *O Direito e o*

³⁰ CAMÕES, Luis de. Op. Cit. p. 3.

³¹ CIDADE, Hernâni, A literatura portuguesa e a expansão ultramarina. Op. Cit. p. 339.

³² Idem. p. 348

Estado N'Os Lusíadas quando o autor expõe a valorização da terra portuguesa e de seu povo na épica de Luis de Camões.

A noção do território pátrio – não simbólico e vago, mas o “ninho paterno”, marcado e demarcado - constitui o argumento primário d’Os Lusíadas. Tinha “clima e região” (II, 109) suaves na “ocidental praia”, ao pé da Espanha “onde a terra se acaba e o mar começa”(III, 20), “quase cume da cabeça – da Europa toda, o Reino Lusitano ...” Terra velha, querida, e sua!³³

Podemos comprovar essa questão de valorização do território português e de uma unidade cultural portuguesa a partir de várias passagens d’Os *Lusíadas* como o trecho a seguir, é importante notar a definição que Luis de Camões tenta dar ao ser português:

Estas figuras todas que aparecem,
 Bravos em vista, e feros nos aspetos;
 Mais bravos e mais feros se conhecem
 Pela fama, nas obras e nos feitos :
 Antigos são mas inda resplandecem
 Co’o nome, entre os engenhos mais perfeitos:
Este que vês é Luso, d’onde a fama
O nosso reino Lusitânia chama (VIII, 2)³⁴

A alusão à terra portuguesa continua em outros momentos do poema português como mostra Pedro Calmon. Camões exalta o território luso ao falar da “pátria cara” no seguinte verso:

O prazer de chegar á *pátria cara*,
 A seus penates caros, e parentes,
 Para contar a peregrina e rara
 Navegação, os vários céus e gentes;
 Vir a lograr o prêmio que ganhara
 Por tão longos trabalhos e acidentes,
 Cada um tem por gosto tão perfeito,

³³ CALMON, Pedro. O Estado e o Direito N’Os Lusíadas. Rio de Janeiro: Dois Mundos, 1945. p. 12.

³⁴ CAMÕES, Luis de. Op Cit. p. 273. (grifo meu)

Que o coração para ele é vaso estreito. (IX, 17)³⁵

Ainda sob a luz da análise de Pedro Calmon, vemos que Camões fala também do “Amor à pátria”. Aqui, deve-se historicizar o conceito de pátria, o poeta não o entendia como uma construção “nacional” moderna, mas simplesmente um lugar de nascença, como origem de um determinado grupo que compartilhava determinados interesses.

Vereis amor da pátria, não movido
de prêmio vil, mas alto e quase eterno
Que não e premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor superno:
E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente. (I, 10)³⁶

Pedro Calmon nos mostra essa ideia ao dar ênfase na fidelidade familiar e sanguínea presente no poema de Luis de Camões. A terra era um local “sagrado” onde era tirado o sustento do povo, soberano e liderado pelo rei.

Não só a independência como um símbolo, o rei como um chefe, da Nação como uma ideia: também da terra como propriedade, o campo de trabalho, o lar, a igreja, “o terreno em que nasceram sempre desejado” (X, 144), pelos ossos dos avós, pelo berço dos filhos, pela ternura da paisagem, pelo amor da aldeia, pelo sagrado ciúme que o resguarda. Trair essa fidelidade seria negar o sangue, investir contra a família, faltar aos compromissos da natureza.³⁷

Para formar o rico conteúdo inserido na épica de Camões, o poeta também vai aos cronistas medievais afim de embasar historicamente seu poema, além de moldar muitos personagens d’ *Os Lusíadas* em poemas épicos da antiguidade. Luis Piva ajuda-nos a discutir essa questão:

Sendo os *Lusíadas* epopeia nacional, de assunto histórico e moderno, não admira procure o poeta nos cronistas e historiadores a maior parte do material, que seria posto em verso. É assim que Fernão Lopes, Duarte Galvão, Rui de Pina, Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros e Damião de Góis foram permanentes

³⁵ Idem. p. 315. (grifo meu)

³⁶ Idem. p. 6.

³⁷ CALMON, Pedro. Op. Cit. pp. 14 – 15.

fontes que o poeta recorreu para a informação acerca da história nacional.³⁸

A importância dos deuses também foram bastante valorizados na obra de Camões quando o autor da obra personifica os Deuses latinos, dando-os sentimentos, agindo a favor e contra os portugueses em sua empreitada marítima. Temos na obra o exemplo de Vênus e Baco, personagens-deuses de fundamental importância :

A epopeia portuguesa, baseada nos velhos valores de Grécia e Roma, observa todas as suas regras de composição. A exposição narrativa mantém sempre na chave da eloquência glorificadora; Deuses perseguem e Deuses ajudam os portugueses, e a glória deles acaba por ofuscar a glória dos Deuses.³⁹

Um momento de importância da participação dos deuses no enredo da épica consiste no debate entre Vênus e Baco sobre ficarem ou não no caminho dos Portugueses em suas rotas marítimas. Enquanto Vênus os protege Baco não aceita a passagem dos nautas lusos. Isso pode ser visto abaixo no poema:

Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os deuses por ordem respondendo,
Na sentença um do outro diferia,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente.

Ouvido tinha aos Fados, que viria
Uma gente fortíssima de Espanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da índia tudo quanto Dóris banha:
E com novas vitórias venceria
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha .
Altamente lhe dói perder a glória,

³⁸ PIVA, Luis. Op. Cit. p. 14

³⁹ FIGUEIREDO, Fidelino de. História Literária de Portugal. Op. Cit. p. 164.

De que Nisa celebra inda a memória.

Vê que já teve o indo subjugado,
 E nunca lhe tirou fortuna ou caso,
 Por vencedor da índia ser cantado
 De quantos bebem água do Parnaso:
 Teme agora que seja sepultado
 Seu tão célebre nome em negro vaso
 Da água do esquecimento, se lá chegam
 Os fortes portugueses que navegam.

Sustentava contra ele Vênus bela,
 Afeiçãoada a gente lusitana,
 Por quantas qualidades via nela
 Da antiga tão amada s'a romana;
 Nos fortes corações, na grande estrela.
 Que mostraram na terra Tintigitana:
 E na língua, na qual quando imagina
 Com pouca corrupção, crê que é a latina (I, 30 – 33)⁴⁰

Os deuses presentes n'Os *Lusíadas* fazem parte constituinte de um movimento épico de exaltação da identidade portuguesa. Esse movimento épico vai estar presente na obra a partir de vários meios, um deles são as relações dos deuses com os próprios portugueses, sendo estes elevados pela bravura de saber lidar com esses seres superiores e não serem malogrados em suas empreitadas, mesmo com o envolvimento das divindades Greco-Romanas. A outra forma de manifestação épica é a partir dos episódios históricos exaustivamente trabalhados pelo poeta. Essa escrita da história lusitana n'Os *Lusíadas* vai ser formada a partir do confronto com o Outro, principalmente em duas batalhas importantes: A batalha de Ourique e a Batalha de Aljubarrota.

⁴⁰ CAMÕES, Luis de. Op. Cit. pp. 13 – 14.

Cleonice Berardinelli entende que Camões vai valorizar a tanto o ofício da guerra como o ofício da escrita, essas duas aptidões vão pautar o discurso épico do poeta, deixando clara a valorização das batalhas históricas de Portugal por Camões.

Assim, poeta e soldado, Camões se apresenta em seu poema, como já apresentara a César, historiador e guerreiro: n ã a mão a pena, e noutra a lança”(V, 96, v. 3). O aedo que canta os feitos de Portugal entende dos dois ofícios e a ambos os valoriza. Sabe da importância do cantado e da importância do canto. N’Os Lusíadas, o cantado é o feito heroico e muito mais.⁴¹

A autora supracitada pauta sua afirmação da dupla vocação de Luis de Camões na seguinte passagem d’Os Lusíadas:

Olhai, que há tanto tempo que cantando
 O vosso Tejo, e os vossos lusitanos,
 A fortuna me traz peregrinando,
 Novos trabalhos vendo, e novos danos:
 Agora o mar exp’rimentando
 Os perigos mavórcios inumanos;
 Qual Canace, que à morte se condena,
 N’ua mão sempre a espada, e noutra sempre a pena. (VII, 79)⁴²

A importância dessas batalhas pode ser atestada se dialogarmos com a perspectiva de Antônio José Saraiva, pois segundo o autor, as batalhas, em especial a de Aljubarrota constitui o elemento estruturante da epopeia camoniana.

No conjunto da história de Portugal, tal como a narram os Lusíadas, Aljubarrota é a batalha, elemento estrutural das epopeias. Há outros episódios de guerra, mas narrados em traços sintéticos e panorâmicos, sem a especificação de feitos individuais, discursos de chefes, ataques e contra – ataques que encontramos neste. São como que prelúdios nesta batalha em que os feitos de guerra atingem o máximo de intensidade.⁴³

⁴¹ BERARDINELLI, Cleonice. Estudos camonianos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 57.

⁴² CAMÕES, Luis de. Op. Cit. p. 267.

⁴³ SARAIVA, Antônio José. Para a História da Cultura em Portugal. Op. Cit. p. 117.

O autor continua a expor a importância da Batalha, entendendo que sem a mesma o poema escrito por Camões não poderia ser configurado como uma epopeia.

Quanto a batalha, vimos como ela é amplificada e alterada : o campo de Tróia é Portugal inteiro, os guerreiros luta fantasticamente. Sem esta batalha, haveria no poema combates a menos e poucas oportunidades para feitos guerreiros. E Camões dificilmente conceberia uma epopeia sem guerra.⁴⁴

A partir das reflexões de Antonio José Saraiva entendemos que as batalhas presentes n'Os *Lusíadas* são elementos característicos para a formação do gênero épico e para a construção da identidade cultural portuguesa com características singulares expostas nesses episódios. Essas especificidades apenas poderiam ser mostradas se a oposição aos povos que os próprios portugueses lutavam como são os exemplos dos Mouros e dos Castelhanos em Ourique e Aljubarrota respectivamente focasse em evidência.

Hernani Cidade entende que Camões, ao dar ênfase ao gênero épico n'Os *Lusíadas* seleciona batalhas tidas como marcos na história de Portugal:

Não faltam descrições de recontros bélicos e silhuetas de heróis nas estrofes d'Os *Lusíadas*. Atentemos nas que o Poeta com mais viva e comunicativa emoção tratou, por seu maior relevo na história, por suas consequências de maior eficiência nos nossos destinos. São como já dissemos, os grandes quadros da batalhas de Ourique, do Salado e de Aljubarrota – três momentos críticos na história de Portugal e da Península.⁴⁵

Sobre os heróis do poema épico camoniano, vemos que eles são medidos pela forma como ajudaram a construir o reino de Portugal a partir da interpretação de Luis de Camões, como exemplo, temos em Ourique, além do rei guerreiro fundador de Portugal D. Afonso Henriques, seu nobre aliado Egas Moniz; para o caso da batalha de Aljubarrota temos D. Nuno Álvares Pereira, grande amigo de D. João I, Mestre de Avis. Nota-se que esses personagens narrados por Camões estão diretamente ligados, sobretudo, ao território luso em formação, conectados também, historicamente, por consequência, à identidade cultural portuguesa. Quando se fala nesses heróis da épica de Camões, Hernâni Cidade acredita que:

⁴⁴ Idem. p. 119.

⁴⁵ CIDADE, Hernâni. Luis de Camões – O épico. Lisboa: Livraria Bertrand, 1968. p. 157.

Eles não são rodas que girem sobre si mesmas, como super-homens de Nietzsche, antes seu valor se mede pela contribuição que oferecem à imprensa de seu rei, à glória de sua pátria. Daí o carácter de mera legenda, apontamento rápido que de cada um deles nos é dado, sobretudo quando figuras secundárias na economia do poema. As figuras, porém, que as bandeiras representam não são os reis (abre-se excepção para D. Afonso Henriques, por quem o poeta mantém nítida predilecção), mas os barões assinalados, incluindo Egas Moniz e Nuno Álvares.⁴⁶

Luis de Camões usa as batalhas para consolidar essa identidade cultural e étnica lusa, tendo o poeta como material de construção dessa unidade os personagens históricos desses conflitos, transformados em heróis pelo autor de *Os Lusíadas*. Contudo só é possível essa formação de heróis históricos portugueses na épica de Camões a partir da presença do inimigo nas batalhas.

Em Ourique temos os Mouros como a Alteridade no poema, o rei Ismar e seus aliados confrontam o exército de Afonso Henriques. A presença moura n' *Os Lusíadas* é vista não apenas em um ponto específico da épica, como são os castelhanos na batalha de Aljubarrota, mas fazem presença ao longo dos dez cantos do poema. Essa presença moura mais intensa, vista sempre como adversa aos portugueses, pode ser observada também quando Luis de Camões toca nas conquistas além-mar portuguesas. Cidade nos ilustra essa questão expondo a adversidade entre o português e o Mouro a partir do seguinte trecho:

O herói é o Luso. O luso horrendo, que edificará fortalezas, cidades e altos muros; desbaratará os turcos belacíssimos e duros, tornará o mar roxo amarelo, de enfiado; subjugará o poderoso reino de Ormuz, duas vezes tomado; mostrará seu preço na defesa em dois cercos da inexpugnável Diu, com feitos que farão invejoso o grão mavorte e blasfemo contra o céu o maometano moribundo; conquistará Goa, desbaratará Calecut, sustentará Cananor com pouca gente, subjugará os reis da Índia, ao mesmo tempo que a todos há-de libertar e segurar contra as tiranias com que uns aos outros se oprimem.⁴⁷

Em Aljubarrota, como já dito, os castelhanos são representados como a Alteridade existente no conflito. Essa adversidade presente no embate entre portugueses e castelhanos vai servir para consolidar de vez a independência lusa sobre os demais povos da península ibérica e distingui-los cultural e

⁴⁶ Idem. p. 168.

⁴⁷ Idem. p. 175.

territorialmente. Pauta-se, sobretudo, Camões na preocupação em demarcar as diferenças entre os povos envolvidos no conflito por grande apelo discursivo, nota-se que a questão da coragem e bravura portuguesas são elementos idiossincráticos da “gente lusitana”. Observa-se algumas dessas questões presentes na batalha de Aljubarrota na passagem abaixo:

O discurso é uma excelente peça oratória, como todas as d’Os Lusíadas. Basta salientar o que nele marca a impetuosidade do homem de acção, que mais explode suas emoções de espanto indignado e decisão heroica do que expõe razões de agir. Eficaz, veemente apelo à coragem adormecida: como é possível a covardia entre os Portugueses, na eminência de ver sujeito o Reino? Como?! Não sois vós os descendentes daqueles que venceram os castelhanos ?!⁴⁸

É a partir da perspectiva da exaltação do povo português e da diferenciação com os outros povos envolvidos em conflitos com os lusitanos, que Luis de Camões vai traçar a identidade e as características singulares dos portugueses pela relação de Alteridade, ou seja, pela relação de povos tidos como diferentes dos portugueses a partir do discurso camoniano.

⁴⁸ Idem. p. 164.

Referências Bibliográficas:

Fonte:

CAMÕES, Luis de. Os Lusíadas. Porto: Livraria Lello & irmão, S/d.

Bibliografia:

ARISTÓTELES. Arte Poética. São Paulo: Martin Claret, 2006.

BERARDINELLI, Cleonice. Estudos Camonianos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CALMON, Pedro. O direito e o Estado n'Os Lusíadas. Rio de Janeiro: Dois mundos, 1945.

CIDADE, Hernâni. A literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina: A ideias – os Factos e a formas de Arte. Coimbra: Armênio Amado editor, 1963.

_____ & SELVAGEM, Carlos. Cultura Portuguesa. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, S/d.

_____. Lições de Cultura e literatura Portuguesas (séculos XV, XVI e XVIII). Coimbra: Coimbra Editora, 1968.

_____. Luis de Camões - O Épico. Lisboa: Livraria Bertrand, 1968.

DIAS, José Sebastião da Silva. Camões no Portugal de quinhentos. Lisboa: Ministério da educação e ciência, 1981.

_____. Portugal e a Cultura Européia (Sécs. XVI a XVIII). Coimbra: Coimbra Editora LTDA, MCMLIII.

FIGUEIREDO, Fidelino de. A épica Portuguesa no século XVI. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.

_____. História Literária de Portugal. Coimbra: Editora Nobel, 1944.

KRISTELLER, Paul. Tradição Clássica e pensamento do Renascimento. Lisboa: Edições 70, 1995.

MARQUES, A. H. de Oliveira. História de Portugal. Palas editores: Lisboa. 1976.

MATTOSO, José. História de Portugal: No Alvorecer da Modernidade. Circulo de Leitores: Lisboa. 1993.

SARAIVA, Antonio José. História da Literatura Portuguesa. Lisboa: Publicações Europa – América. 1950.

_____. O Crepúsculo da Idade Média em Portugal. Lisboa: Gradiva, 1995

_____. Para a história da cultura em Portugal. Lisboa: Livraria Bertrand, 1946. Vols. I e II.